

ENGAJAMENTO SITUADO NA POLÍTICA CONSERVADORA: DAMARES ALVES, MICHELLE BOLSONARO E A FORMAÇÃO DE MULHERES NA ESFERA PÚBLICA

Jamille Bezerra¹

GT 05 - Autoritarismos ontem e hoje: velhos e novos debates sobre a crise democrática²

Resumo: Este artigo parte da seguinte pergunta: como os direitos civis vêm sendo pensados por mulheres conservadoras na política formal? A partir de uma pesquisa qualitativa situada, acompanho formas de engajamento, formação política e produção de visibilidade em torno de lideranças como Damares Alves e Michelle Bolsonaro. Essas atrizes políticas podem ser compreendidas como “pessoas distribuídas”, na medida em que articulam redes, projetos sociais, moralidades públicas e circuitos de mobilização que ultrapassam suas presenças individuais. O texto observa como narrativas religiosas, valores conservadores e estratégias digitais se combinam na formação de mulheres interessadas na vida pública. Nesse contexto, as mídias aparecem como dispositivos de trabalho, formação e mediação política. A organização de redes digitais amplia possibilidades de agenciamento, sustenta sociabilidades e projeta novas candidaturas, produzindo um circuito no qual missão, autoconfiança, reconhecimento social e poder passam a ser elaborados como dimensões de uma trajetória política possível. Ao levar a sério as dinâmicas digitais que atravessam a vida cotidiana, o artigo busca compreender como mulheres conservadoras negociam sentidos sobre direitos, família, religião e participação pública. Trata-se de observar não apenas aquilo que essas mulheres defendem, mas também os modos pelos quais se formam, se conectam e produzem presença na esfera pública contemporânea.

Palavras-chave: Direitos civis; Formação política; Dinâmicas digitais; Mulheres conservadoras.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-RIO (PPGCIS) e Mestra em Ciências Sociais pela UFRuralRJ (PPGCS). Integrante do grupo de pesquisa CORRE: Experimentações etnográficas em territórios urbanos e Estetipop — laboratório de pesquisa antropológica em estéticas, aprendizagens e cultura pop/popular. E-mail: nrbjam@gmail.com

² Trabalho apresentado na 14ª Semana de Ciências Sociais da PUC-Rio no GT 05.

Abstract: This article starts with the following question: how are civil rights being thought of by conservative women in formal politics? Based on situated qualitative research, I follow forms of engagement, political formation and production of visibility around leaders such as Damare Alves and Michelle Bolsonaro. These political actors can be understood as “distributed people”, insofar as they articulate networks, social projects, public moralities and mobilization circuits that go beyond their individual presences. The text observes how religious narratives, conservative values and digital strategies combine to form women interested in public life. In this context, the media appear as devices for work, training and political mediation. The organization of digital networks expands possibilities for agency, sustains sociability and projects new candidacies, producing a circuit in which mission, selfconfidence, social recognition and power begin to be elaborated as dimensions of a possible political trajectory. By taking seriously the digital dynamics that permeate everyday life, the article seeks to understand how conservative women negotiate meanings about rights, family, religion and public participation. It is about observing not only what these women defend, but also the ways in which they form, connect and produce a presence in the contemporary public sphere.

Keywords: Civil rights; Political formation; Digital dynamics; Conservative women.

1. Guiando o leitor

Este artigo apresenta um recorte da minha pesquisa qualitativa sobre mulheres conservadoras na política formal brasileira. O foco recai sobre formas de engajamento, formação política e produção de presença pública mobilizadas em torno de lideranças como Damare Alves e Michelle Bolsonaro. Interessa observar os modos concretos pelos quais mulheres são convocadas, formadas, afetadas e projetadas para a vida pública por meio de eventos, redes digitais, imagens, campanhas e repertórios religiosos.

Para situar melhor a entrada neste campo de pesquisa, retomo ao último capítulo da minha dissertação que foi destinado a análises das alianças públicas (diretas ou indiretas) dos grupos religiosos com autoridades políticas com mandatos em vigor. O capítulo, que teve como título: “Mulheres Evangélicas e a Política (masculina) formal”, me permitiu observar como a política partidária estava sendo apresentada naquele espaço analisado. A imersão no campo etnográfico aconteceu entre os anos de 2016 e 2017, a delimitação era um evento anual para mulheres de diferentes denominações evangélicas. O que encontrei foram dimensões de uma orientação pedagógica formativa, com disciplinamento, orientação, capacitação, e distribuição

de atributos de um estilo de vida: como se vestir / moda cristã, como cuidar do corpo / alimentação, sugestão de terapia, cuidado com a aparência / incentivo à procedimentos estéticos, como cuidar da família / sendo do lar ou tendo um trabalho formal.

Entre algumas das questões levantadas pela autora (MACHADO, M., 2001), se encontram os investimentos na área da informação e o empenho na eleição de representantes dos grupos religiosos no poder político. Nesta análise também foram consideradas as tendências de flexibilização dos costumes e da moral, onde estratégias de recrutamento das/dos fiéis estavam sendo remodelados através da influência da mídia eletrônica. É sob essas dimensões em desdobramentos que podemos encontrar hoje movimentos que agregam um conjunto de fatores com capacidade de influência na esfera pública brasileira. A autora visualizava tendências, hoje podemos codificar as práticas. (BEZERRA, 2018, p. 68)

O trecho citado anteriormente é um fragmento da minha dissertação. Uma pergunta apareceu ainda neste trabalho de campo pesquisado no mestrado: onde estão as mulheres religiosas que ocupam assentos na política formal? E foi através de levantamentos virtuais para observar trajetórias de mulheres cristãs na política formal que comecei a analisar algumas das ações que estão sendo performadas na esfera pública nacional.

Mais adiante serão apresentadas ações e atuações de Damares Alves, secretária nacional do movimento Mulheres Republicanas do partido Republicanos e Michelle Bolsonaro, presidente nacional do PL Mulher do Partido Liberal. Ambas ocupam o lugar de relacionar coisas e projetos sociais, como a “pessoa distribuída”³ de Alfred Gell (2018) dessas mulheres em formação que as seguem em seus respectivos movimentos. Em suas performances, negociam narrativas, moralidades e sociabilidades por meio das mídias, do engajamento e de estratégias. As mídias ocupam um lugar de destaque; mídias como ferramenta de trabalho, mídias para fazer campanhas, mídias como estratégia formativa e mídia como mediação religiosa. As narrativas e doutrinas observadas não são hegemônicas, mas são ideias distribuídas possíveis a partir de movimentos que vêm construindo um aparente agenciamento no processo de individuação nos sujeitos afetados.

Ao apresentar outra face do campo etnográfico, busco trazer para o texto o elemento do cruzamento das dimensões sensoriais encontradas na produção de uma estética política do movimento de mulheres conservadoras. Birgit Meyer (2019), compreende a religião como prática de mediação atravessada por “formas sensoriais”. Dito isto, devemos pensar como o

³ Neste artigo, a noção de “pessoa distribuída”, de Alfred Gell, é mobilizada para compreender como determinadas lideranças não atuam apenas por sua presença física ou institucional. Elas se prolongam em imagens, vídeos, campanhas, treinamentos, slogans, gestos, repertórios morais e redes de mulheres que passam a replicar, adaptar e performar partes desse projeto político.

papel dos corpos, sentidos, mídias e coisas que produzem comunidades religiosas importam para a leitura dessa noção de mundo.

A característica central desse mundo imaginário diz respeito ao papel das imagens compartilhadas na produção de laços entre indivíduos, organizando-os em comunidades. Embora isso soe semelhante à noção de comunidade imaginada de Anderson, Maffesoli presta muito mais atenção do que Anderson às maneiras pelas quais imagens compartilhadas mobilizam e motivam sentimentos comuns, induzindo modos e disposições de comunhão. (MEYER, 2019, p. 57)

Ao acompanhar as análises de Meyer sobre imagens, reciprocidade e mediação, busco compreender como corpos, mídias e formas sensoriais participam da produção de vínculos religiosos e políticos. Através da experiência sensorial do mundo e a partir de um conhecimento sensível, a experiência corporal da estética deve dar conta de um poder afetivo. A autora sugere nossa atenção para o fim do debate que almeja oferecer: “um engajamento visceral do corpo, por meio dos sentidos, com o mundo. [...] Os processos de formação estética moldam os sujeitos” (2019, p. 58).

O engajamento mobilizado pelo Movimento Mulheres Conservadoras articula uma estética política que aciona o corpo, os eventos, as cores, os sons, as formas e os espaços em que ocupam, partidos, bem como as contínuas estratégias de formação. A gramática religiosa utilizada consolida a dimensão pública, onde a intenção é projetada juntamente ao processo imagético de cativação e transmissão.

O ato de mediação, assim compreendido, desperta sensibilidades através de apelos singulares aos órgãos dos sentidos e por carregar significados e valores específicos em sua própria forma (MEYER, 2013). O forte interesse no corpo, nos sentidos na experiência e na estética nas ciências sociais, aponta Meyer, assinala hoje uma crescente consciência de que o surgimento e a manutenção das formações sociais dependem de estilos que formam e vinculam os sujeitos, não apenas através da imaginação cognitiva, mas também através da moldagem dos sentidos e dos corpos em construção (MEYER, 2009). (MACHADO, C., 2020, p. 42)

Em diálogo com as noções que a autora conduz sua construção analítica, podemos compreender os processos de cativação e transmissão mediados pelas produções tecnológicas de afetação. Causado por um efeito de continuidade que a contemporaneidade digital nos proporciona, os meios de coleta dos dados dessa pesquisa traduzem o modelo de construção das vivências que o campo observado tem apresentado. Entre os espaços digitais e encontros presenciais, coletividades são moldadas e expressam sua potência organizacional. Esses

eventos e imagens compartilhadas nos permite observar como se produz pertencimento, reconhecimento e disposição para a ação coletiva.

Pensar a conjuntura nacional ao passo em que as articulações estão acontecendo é desafiador. O trabalho se volta à construção de uma análise antro-política, um tipo de leitura que toma práticas, imagens, afetos e categorias nativas como vias de compreensão da ação política. Me interessa compreender a interpretação de mundo dessas mulheres e como elas se veem como peças importante para a construção participativa no universo parlamentar. A integração do debate sobre religião, mídias e mediações é ponto de partida para a compreensão desse complexo e controverso ecossistema que busca entender sobre projetos de poder, política e afins.

2. Engajamento e formação

Uma das entradas empíricas centrais deste artigo foi a observação de um grupo de WhatsApp composto por pré-candidatas a vereadoras e prefeitas vinculadas ao movimento Mulheres Republicanas, ramificação partidária do Republicanos. Durante cinco meses, acompanhei ciclos de palestras, fóruns de formação, orientações de assessoria, materiais de campanha e a circulação cotidiana de agendas, mensagens e conteúdos políticos. Esse movimento vem construindo um significativo núcleo de formação e capacitação para mulheres que desejam exercer um cargo parlamentar. Neste grupo de WhatsApp pude observar algumas dinâmicas do processo formativo⁴ e também a virada do jogo, quando em setembro de 2024 as candidaturas se tornaram oficiais. O período do processo eleitoral (que era meu foco inicial) passou e o grupo do WhatsApp continua ativo como suporte e divulgação das agendas de atividades do partido.

Um espaço de capacitação promovido pelo canal Mulheres Republicanas do YouTube, o “Treinamento Prepara, Mandado 10! Comunicação como ferramenta de liderança”, teve sua convocatória feita pelo grupo de WhatsApp. O treinamento aconteceu em maio de 2025, voltado para mandatárias já eleitas, com transmissão ao vivo, mas ficou fixado no canal para acessos futuros do público interessado. O palestrante, Gilmar Arruda, pontuou que ali seriam apresentadas “ferramentas e posicionamentos importantes, para criar conexões reais com o

⁴ Explorei parte deste campo etnográfico com enfoque no WhatsApp no *paper* do 48º Encontro anual ANPOCS, que pode ser encontrado no link: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/9923/version/10483>. Acesso em 23 de maio de 2025.

público estratégico”. O treinamento funciona como uma pedagogia política digital: ensina linguagem pública, organização de mandato, construção de imagem e vínculo com o eleitorado.

A “Comunicação Política” é a eficácia dessa estratégia, chamou atenção aos pilares que fazem parte do Manifesto das Mulheres Republicanas e trouxe a questão da necessidade de praticar a “coerência entre a prática e a fala”, afirmando que ainda no processo eleitoral começou a ser construído uma imagem pública dessa candidatura, e essa imagem se torna uma percepção para a população. Essa percepção é o posicionamento. Logo, o palestrante reforçou que as promessas feitas precisam ser cumpridas, para gerar essa conexão real.

O “Levantamento de Recurso”, como outro pilar, é crucial para alcançar as promessas eleitorais e foi tratado como mais uma estratégia, seja o recurso humano (equipe) ou o recurso financeiro (organizar e cumprir as promessas de campanha). Ao se voltar para o público das vereadoras, colocou também a importância do desenvolvimento de políticas públicas e a execução. “A comunicação trabalha em função do planejamento de mandato”. O palestrante apresentou o caso de uma mandatária como exemplo, que está pondo em prática as promessas de campanhas e como ela vem fazendo a diferença com uma dinâmica de entrega de serviços para os seus públicos estratégicos, construindo engajamento e reputação. A entrega de políticas públicas para a população faz parte dessa comunicação política, que conhece as demandas do seu público e almeja modificar a vida da população afetada. Daisy Silva, vereadora em Contagem-MG, foi considerada um trunfo ao ser destacada como exemplo por ter viabilizado o projeto de saúde da mulher na sua cidade.

O projeto de Mamografia Grátis com unidade móvel, em parceria do Instituto Por Elas e Abas, atua na cidade de Contagem e em mais 8 regionais, atendem em média 400 mulheres por mês⁵. O palestrante apresenta imagens do ônibus, dados de atendimento e afirma que “exercer a liderança é a construção de vínculo, com clareza de propósito e com a variável de construção de um futuro melhor”.

⁵ Informações extraídas de uma entrevista publicada no perfil da vereadora citada. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DHqxKuTuiIQ/?igsh=b2VxZXdmnpyNzhq>. Acesso em 23 de maio de 2025.



Fig. 1. Colagem feita com *cards* do Instagram. Fonte: Prefeitura de Contagem e Por Elas e Abas.

O que se observa é um esforço organizado de produção de influência, formação e circulação de repertórios políticos nessas plataformas digitais. Para Cesarino (2020b), pode haver formas espontâneas dessas organizações em grupo e interações públicas nas plataformas, mas um sistema líder-povo, operado por influenciadores e lideranças no mundo digital, como formas de coexistir nessa economia da tensão da internet, são mecanismos que causam efeitos performativos nos usuários. Ao trazer dados dessa palestra que pode ser acessada a qualquer momento por usuários logados ou não, reforço como o artifício pedagógico está sendo utilizado. Trata-se de uma rede que visa instruir de maneira técnica os sujeitos interessados na atuação política. Essa estratégia pedagógica tem a finalidade de ampliar o conhecimento, orientar aos princípios fundamentais da política e da vida pública.

A organização de redes digitais viabiliza uma esfera ampliada de agenciamento para mulheres que desejam ingressar ou permanecer na política formal. Lorena Mochel (2024) construiu sua reflexão eticometodológica a partir de um grupo de Whatsapp e pôde compreender como o grupo de mulheres evangélicas observado utilizava o espaço para compartilhar testemunhos e fazer momentos de elevação espiritual coletivas, naquele ambiente digital, noções sobre pertencimento auxiliavam na produção de novos sentidos e formatos da viabilização do grupo. Como espaço de sociabilidade, afeto, produção de sentido, as mulheres do grupo de pré-candidatas também combinaram dimensões similares. Como observa Mochel:

indicando uma inserção que ocorre em diferentes âmbitos da vida coletiva. A gestão de um cotidiano com interações personalizadas, cujos objetivos são flexíveis ao espaço e tempo dos usuários, consolida novas dinâmicas afetivas que tem suscitado intensos debates a respeito dos efeitos da plataformação e seus enviesamentos nos fluxos informacionais. (MOCHEL, 2024, p. 6)

Os espaços presenciais e virtuais de instituições religiosas vêm acionando a consolidação de redes e sociabilidades de empoderamento das mulheres, permitindo que essa virada expansiva seja observada como reflexo nos eventos antes estritamente religiosos. Seja em eventos partidários ou em grupos de orações, a dimensão do “campo de batalha” dessas religiosas dialoga com o enfrentamento por um futuro de paz em Cristo. Essas mulheres se veem como parte do processo de transformação que almejam para si e para a nação, as ações coletivas apontam para a trajetória política como um desdobramento de alcançar autoconfiança, uma missão, o status social e poder. Esse fenômeno produz novos sentidos do modo de ser mulher cristã na sociedade contemporânea, essas mulheres são protagonistas nessa construção.

A antropologia digital não é um subcampo disciplinar, mas uma atenção transversal à intervenção crescente do digital como mediação cada vez mais presente em relações que se desdobram também *offline*. Ela convida a refletir sobre processos de digitalização que intervêm de modo crucial, porém nem sempre visibilizado, em fenômenos que são tidos como definidores da contemporaneidade, como neoliberalismo, pós-verdade e os chamados neopopulismos (MIROWSKI, 2019; CESARINO, no prelo a; CESARINO, no prelo b). Desde ao menos 2016, populismo tem se tornado uma *buzzword* na academia e na imprensa internacional (MAZZARELLA, 2019). Mas, embora sua ressonância com a dinâmica das redes sociais já tenha sido notada em linhas gerais (GERBAUDO, 2018), acredito que sua mecânica propriamente digital ainda careça de maior aprofundamento. (CESARINO, 2020, p. 96).

Novos fenômenos são tidos como definidores da contemporaneidade, levar a sério as dinâmicas digitais que estão definindo a vida cotidiana é um compromisso desse trabalho. Nas eleições de 2024, todas as redes se reorganizam no ordinário do cotidiano digital. Observa-se como a digitalização vertiginosa da vida causa tensões em diferentes escalas, tanto na esfera pública quanto na privada (HORST; MILLER, 2012; MOCHEL, 2023). Ao trazer argumentos que validam a relevância do estudo para compreender a agenda política das parlamentares conservadoras nos debates de políticas públicas e direitos humanos, observamos a disputa narrativa e mobilização a partir das redes digitais.

3. Movimento Mulheres Conservadoras

Outra entrada empírica importante é o movimento Mulheres Conservadoras⁶, lançado em setembro de 2024. Movimento relevante para o foco da análise por ter uma composição bem específica: Damares Alves e Michelle Bolsonaro são as fundadoras. Nesse contexto, essas atrizes políticas elaboram uma produção de sentidos como pontos de condensação de um circuito mais amplo. Seus nomes, imagens e falas autorizam moralmente o movimento, mas também se distribuem em conteúdos, campanhas, vídeos, datas comemorativas, *hashtags*, treinamentos e formas de apresentação pública. A liderança não está contida apenas nelas, ela circula por meio dos objetos, mídias e relações mediadas.

O conservadorismo é tratado aqui como categoria êmica: interessa menos defini-lo previamente e mais compreender como ele é acionado pelas próprias atrizes para organizar pertencimentos, fronteiras morais e formas legítimas de participação pública. O objetivo é buscar apresentar as validações e interpretações que o movimento carrega ao se apresentar como movimento nacional.

O Mulheres Conservadoras foi lançado às vésperas das eleições municipais de 2024, em meio a toda a atmosfera de projeção das candidaturas de novas parlamentares na corrida eleitoral. O movimento está sendo mobilizado de maneira virtual (existe a promessa de um lançamento presencial, que ainda não ocorreu).

⁶ Se apresenta como apartidário. Disponível em: <https://mulheresconservadoras.com/>. Acesso em 23 de maio de 2025.



Fig. 2. Print feito no site do Mulheres Conservadoras. Fonte: <https://mulheresconservadoras.com/>.

O movimento se organiza em torno de princípios como defesa da vida desde a concepção, família natural, infância protegida, liberdade individual, propriedade privada, equidade, economia livre e Estado mínimo. No vídeo de lançamento Damares Alves e Michelle Bolsonaro apresentaram esses princípios e afirmaram “que o movimento visa construir estratégias para as mulheres se encontrarem em volta de um projeto que busca proteger os direitos das mulheres”. Tendo como objetivo propiciar um espaço que acomode as noções de pertencimento e identificação aos princípios cristãos. Com uma narrativa alternativa, o movimento foi apresentado como opção para as muitas mulheres conservadoras e cristãs do país que não se sentem representadas por movimentos que pregam ou defendem pautas divergentes com os princípios mencionados na missão do movimento.



Fig.3. Print do Instagram do Mulheres Conservadoras. Fonte: [instagram.com/movimentomulheresconservadoras](https://www.instagram.com/movimentomulheresconservadoras)

Pode ser encontrada no perfil do Instagram a circulação de vídeos com conteúdo diversificados sobre os temas como de saúde pública⁷, aborto, preservação da vida, críticas à “ideologia de gênero”, divulgação do projeto de lei que visa responsabilizar o Estado para disponibilizar toda assistência pré-natal quando um estupro resultar em gravidez, orientações bíblicas, bem como a divulgação de datas consideradas importantes para o movimento; dia da dona de casa, dia da valorização da família, dia da instituição do voto feminino, dia do nascituro, enfim, conteúdos que demarcam o posicionamento conservador e mantenedor das tradições cristãs.

A mobilização política do Mulheres Conservadoras em torno da defesa da vida, da família e da infância revela uma relação particular com o Estado, que dialoga com outras articulações. Embora esses movimentos frequentemente adotem a retórica do Estado mínimo, sua prática política recorre reiteradamente à autoridade estatal como instrumento de tutela moral e proteção social.

⁷ Vídeo apresenta argumentos que sustentam a ideia contrária do aborto ser uma questão de saúde pública. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAw1N71pQn-/>. Acesso em 10 de novembro de 2024.



Fig. 4. Print do Instagram do Mulheres Conservadoras. Fonte: [instagram.com/movimentomulheresconservadoras](https://www.instagram.com/movimentomulheresconservadoras)

Visando trazer mais uma contribuição para o diálogo, evoco Rosana Pinheiro-Machado com uma matéria da coluna Opinião da UOL⁸, para corroborar em alguns pontos que venho observando. Para a antropóloga, estão acontecendo no cenário atual do Brasil um “transbordamento da lógica religiosa para além do credo, como uma nova ética e estética, fortemente impulsionada também pelo ecossistema dos novos ricos influenciadores”.

Dando voz à sua análise, Pinheiro-Machado observa um estereótipo que vem sendo disseminado nesse universo via cultura digital, uma “evangelização do Brasil” que está além da fé. Para a antropóloga um modelo de família e vida está sendo disseminado: “o casal heterossexual, com filhos, casados por muito tempo para acumular riqueza, pois, no mundo dos investidores, o casamento entre o ‘homem de valor’ e a ‘mulher de virtude’ ajuda a criar fortuna. O homem de valor acumula riqueza, enquanto a mulher cuida da família”. Esta descrição se encaixa em alguns grupos de mulheres evangélicas e católicas.

A leitura de Pinheiro-Machado ajuda a situar esse fenômeno em um processo mais amplo de transbordamento da gramática religiosa para estilos de vida, consumo, família e performance pública. No entanto, meu campo exige também observar variações internas: nem

⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2024/09/23/evangelizacao-do-brasil-ultrapassa-a-fe-e-vira-novaetica-e-estetica.htm>. Acesso em 05 de dezembro de 2024.

todas as mulheres conservadoras mobilizam o mesmo modelo de domesticidade, casamento ou feminilidade. Pensar mulheres conservadoras, cristãs, suas mobilidades e formas de engajamento nas profundidades da cultura digital podem ser desdobradas de muitas outras maneiras. Mas nesse solo fértil existem distinções nos modos de configurar famílias, até mesmo no meio conservador. É importante destacar o quanto este campo de estudo se diversifica com distintas representações,

Devemos estar atentos ao observar um processo de resgate dos moldes tradicionais sendo apresentado por esse tipo de movimento já mencionado por Pinheiro-Machado e pela pesquisadora Jaqueline Santos (2024). Santos analisa movimentos de mulheres católicas voltados ao resgate de valores tradicionais, nos quais a docilidade, a virtude, a modéstia e a referência à Maria Santíssima compõem um ideal feminino específico. Já as mulheres conservadoras cristãs na política formal em questão, para além do modelo familiar observado, reivindicam outros modelos possíveis de família. Há diferenças entre os movimentos institucionais de mulheres nas igrejas e os movimentos de mulheres atuando na esfera da política formal.

No campo observado, outra diferença aparece nas distintas configurações familiares acionadas por mulheres conservadoras cristãs: lideranças religiosas solteiras, mulheres que reconstruíram vínculos conjugais, mulheres casadas que não se apresentam como “esposas tradicionais do lar” e mulheres que combinam vida familiar, atuação pública e trabalho político. Damares Alves e Michelle Bolsonaro, cada uma a seu modo, permitem observar essas variações internas no próprio conservadorismo cristão.

O Mulheres Conservadoras na política formal é apresentado ao público como uma alternativa, ao analisar os conteúdos e abordagens pode-se compreender que as mobilizações bem como as estratégias estão sendo viabilizadas para a construção e consolidação do engajamento de mulheres que almejam (em certa medida) a tradição e o conservadorismo moral, porém, estão dispostas às transformações que competem ao universo do trabalho formal, das autonomias e da mudança de alguns paradigmas.

A noção de “pessoa distribuída” (GELL, 2018; MIZRAHI, 2024), permite compreender a liderança política para além da presença individual. Como a pessoa pode distribuir sua agência por objetos, imagens e relações, Damares Alves e Michelle Bolsonaro podem ser lidas como figuras cuja atuação se prolonga em campanhas, vídeos, eventos, plataformas, movimentos e repertórios morais. Partir dessa perspectiva nos move a compreender a produção desses

circuitos, como suas imagens e nomes funcionam como índices de autoridade, reconhecimento e pertencimento.

A estética é uma forma de agir no mundo. Em diálogo com Mizrahi (2019, 2024), pode-se compreender que a estética opera de modo relacional, ela conecta pessoas, produz reconhecimento e faz circular projetos sociais e políticos. É a partir dos modos de se vestir, falar, de ocupar, dos gestos, dos elementos sensoriais como um todo que a estética política dessas mulheres conservadoras vem sendo produzidas. E como uma mulher-evento, elas se distribuem ao se relacionar: em cada imagem, pronunciamento, campanha, treinamento ou aparição pública, partes de sua autoridade circulam e passam a compor outras performances femininas conservadoras. Nesta análise situada, a liderança não se limita à biografia individual, ela se materializa em redes, objetos, plataformas, gestos e pedagogias de presença.

4. Considerações Finais

Esta pesquisa, não somente este recorte, toma como responsabilidade evidenciar um fenômeno que tem sido tratado de maneira isolada ou reducionista. A partir de uma antropolítica que compreende a religião como parte desse fenômeno político, evidencio o agenciamento das mulheres evangélicas e seus modos de fazer política formal. Longe de esgotar os debates, apresento essa perspectiva com o anseio de diálogos.

Ao acompanhar essas formas de engajamento situado, o artigo buscou mostrar que a participação de mulheres conservadoras na política formal não pode ser compreendida apenas como adesão ideológica ou reprodução de pautas religiosas. Trata-se de um processo de formação, mediação e produção de presença pública, no qual mídias digitais, eventos, imagens, campanhas e lideranças femininas operam conjuntamente. A mulher-evento aparece, nesse circuito, como pessoa distribuída: seus nomes, corpos, falas e imagens se prolongam em redes, movimentos e pedagogias políticas que formam outras mulheres para ocupar a esfera pública.

É de suma importância ponderar que essas mulheres vêm tratando de temas pertinentes ao mundo da vida. É no cotidiano das fronteiras físicas, fronteiras regionais e fronteiras ideológicas que se disputam as narrativas e os corpos que personificam as representações. É também, a partir de distintos modos de fazer política que as políticas públicas vêm sendo elaboradas. A elaboração de políticas, a produção de sentidos sobre direitos civis, estão sendo abrangidos por coletividades que constroem suas agendas e ideais de pertencimento diante das suas indigências.

Referências:

- BEZERRA, Jamille. Profetizando às Mulheres: mídia gospel, gênero e política. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.
- CESARINO, Leticia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*. n. 1, v. 1, p. 91–120, fev. 2020^a.
- CESARINO, Leticia. 2020b. As implicações da etnografia on-line. Webinar 4. Profa. Leticia Cesarino. [S. l.: s. n.]. 1 vídeo (1h33min). Publicado pelo canal LAV — Laboratório de Antropologia Visual.
- GEERTZ, Clifford. Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.
- GELL, Alfred. Arte e agência: uma teoria antropológica. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.
- MACHADO, Carly Barboza. Fazendo política em outros Congressos: tramas religiosas e práticas midiáticas e a estética da política nas periferias urbanas do Rio de Janeiro. *Debates do NER*, Porto Alegre, v.2, n. 38, p. 19–59, 2020.
- MACHADO, Maria das Dores. BURITY, Joanildo. A ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos. *DADOS - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol.57, nº3, p. 601–631. 2014.
- MAFRA, Clara. 2001. Os evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MAHMOOD, Saba. Política da Devoção: o reavivamento islâmico e o sujeito feminista; tradução Bruno Reinhart. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens Edições, 2025.
- MEYER, Birgit. Como as coisas importam: uma abordagem material da religião — textos de Birgit Meyer / organizadores Emerson Giumbelli, João Rickli [e] Rodrigo Toniol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.
- MIZRAHI, Mylene. O *Drive* Canibalista *Funk*: partes da pessoa, matéria do artista. *Ilha – Revista de Antropologia*. Florianópolis, v.26 n. 2, e95563, p. 6–27, maio de 2024.
- MIZRAHI, Mylene. A agência de Alfred Gell: Exúvias e efeitos no mundo das artes. *PROA — Revista de Antropologia e Arte*. UNICAMP, 9 (1), p. 314–322 / Jan–Jun, 2019.
- MOCHEL, Lorena. 2023. *A fluidez da unção*: raça, gênero e erotismos evangélicos nas materialidades de um Ministério digital. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
- MONTERO, Paula. “Secularização e o espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil”. *Enográfica*, Lisboa, v. 13, p. 7–16, 2009.

STRATHERN, Marilyn. Partes e todos: reconfigurando relações em um mundo pós-plural. In: STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; REIS, Livia. Mulheres evangélicas para além do voto: notas sobre processos de engajamento, política e cotidiano. Debates do NER, Porto Alegre, ano 22, n. 42, 2023.